

Papéis velhos... roídos pela traça do Símbolo

2ª edição



Maranhão Sobrinho

COLEÇÃO RESGATE

Coordenação
Tenório Telles



MARANHÃO SOBRINHO

PAPÉIS VELHOS

...roídos pela traça do Símbolo

Organização
Tenório Telles
2.^a edição revista



SUMÁRIO

Apresentação – Mário Ypiranga Monteiro	13
Maranhão Sobrinho, o místico de satã – Zemaria Pinto	21
Papéis Velhos ...roídos pela traça do Símbolo	33
O mar	36
Ma-Tsu	37
Anjo morto	38
Sinhá	40
Sacrifício	41
Morte do lírio	42
Soror Teresa	43
Bruxo	44
Cego e só	45
Castelo assombrado	46
A saudade	47
D. Mística	49
Doce bem	50
Salomé	51
Rosa morta	52
Musa impoluta	53
Santa	54
Ânsia inocente	55
O amor	56

Sonho alado	58
Olhos de amor	59
Arte	60
Regresso de maio	61
Romana	62
Bom tempo	63
Caminho do céu	64
A tristeza	65
Mãe	67
Éterno tema	68
Fugindo	69
Romântico	70
Suprema glória	71
Cavaleiro	72
Ave erradia	73
Cromo	76
Meu canário	77
A um bêbedo	78
Olhos verdes	79
Noivando	80
Estrela matutina	81
Cheia de graça	82
Confidentes	83
Sarah	85
Vingança de Tibério	86

Vesperal	87
Turris ebúrneia	88
Satã	89
Poeta saudade	90
Vermelho	91
Judeu errante	93
Condessa de Val de Lírios	94
Vencendo o Saara	95
Cromos I	96
Cromos II	97
Cromos III	98
Cromos IV	99
Maio	100
Crepusculares	101
Herval	104
Maio no campo	105
Salmo da minha Bíblia	106
Vênus	107
Visões	108
No horto de Getsêmani	109
Sinhá Dulce	110
Tela aldeã	111
Celeste	112
Ao piano	113
Almas	114

Impassível	115
Bacante	116
Rubro	117
Na espiral do inferno	118
Rainha do mal	119
O oitavo círculo	120
Sonhos	121
Poetas malditos	122
Em holocausto	126
Fabiola	127
Torre de sonho	128
Entre o céu e a terra	129
No vale amazônico	130
Evocações	131
Memphis	132
Interlunar	133
Última folha	134



APRESENTAÇÃO

Mário Ypiranga Monteiro*

Não tem pretensões à análise escatológica esta apresentação do livro: é apenas a informação epidérmica sobre a vida e a produção literária do excelente poeta que viveu satisfeito de sê-lo, e de um homem marginado pela sociedade de consumo.

Maranhão Sobrinho, autor de pelo menos três livros de poemas, fazia parte do grupo Pléiade, que reunia os literatos maranhenses João Coelho Cavalcanti (João Barafunda e/ou João Maluco), Manuel Nunes Pereira, Raul de Azevedo, João de Albuquerque Maranhão, João Leda, Domingos Rayol, Pedro Freire, a que se juntaram depois os portugueses Heitor de Figueiredo, Veiga Simões, Elias Antônio Gavinho e Francisco Pacheco, este emigrado para o Maranhão após a surra e mudado de nome: Fran Paxeco, e ainda outros de várias províncias brasileiras: Jonas da Silva (Piauí), Aníbal Teófilo (o "poeta da Cegonha"), Cid Lins (Sergipe), Thaumaturgo Sotero Vaz (Piauí), Viriato Correa (Maranhão), Coriolano Durand (Amazonas), Vespasiano Ramos (Maranhão), Juvenal Antunes (Ceará), Teodoro Rodrigues (Pará), Péricles Moraes (Amazonas), Caetano Briones, Telésforo de Almeida, Tecelino de Almeida, Sadoc Pereira (Amazonas), Renato Viana (Amazonas), Joaquim Gondim de Albuquerque Lins (...), Argemiro Jorge (Alagoas), Da Costa e Silva (Piauí), Júlio Olímpio da Rocha, João Barreto de Meneses (filho de Tobias Barreto), Mário Rangel (irmão de Alberto Rangel e este), Heliodoro Balbi (Amazonas), Ermanno Stradelli (italo-brasileiro), Otávio Sarmiento (Amazonas), Adriano Jorge (Alagoas), Rodrigo Costa (Amazonas), Raimundo Monteiro (Amazonas), Altair Pereira (Amazonas), uma vintena a mais. Somente na aduana, receita e serviço postal federal havia uns dez, salientando-se: Da Costa e Silva (o primeiro a imitar os caligramas de Apollinaire,

"modernista"), Júlio Olímpio da Rocha (cearense), João de Albuquerque Maranhão, João Memória (...), Caetano Brunes (...), Raul de Azevedo e outros menos glorificados. Não era um grupo unido, formado por sólida amizade, ou aproximado por interesses literários, por cortesia e admiração. Não apontamos Bento Aranha (Amazonas), João Wilkens de Matos, Francisco Gomes de Amorim (Portugal), Paulino de Brito (Amazonas), Torquato Tapajós, de outro horizonte cultural, bem assim os denominados "aves de arribação", Quintino Cunha (Ceará), Francisco Mangabeira (Bahia), Ferreira de Castro (Portugal), porque não fizeram "ninho". Formavam pequenas igrejinhas, reuniam-se de preferência nos cafés centrais da cidade, mas Teodoro Rodrigues era o mais afeiçoado "irmão de penúria" do infeliz poeta Maranhão Sobrinho. O único que o visitava na sua pobríssima casa do bairro da Cachoeirinha, casa que Nunes Pereira identificava como sendo na rua de Canaçari, lado esquerdo, mais ou menos a uns cem metros da ponte metálica. Residia com uma caseira de cor, sua amante baudeleriana, sua musa talvez, sua Vênus hotentote. Os pontos de encontro habitual daquela súcia de trovadores variavam mas não eram muitos nem distantes do "centro": "Pavilhão Universal", "A Cosmopolita", "A Bolsa Universal", "A Canarina", "Cervejaria Boêmia", "Casa de Chope," bar "31 de Janeiro", "Bar botequim Naval", que antecedeu de muito ao não menos célebre "Yara Bar" e algumas chafaricas do Mercado Adolfo Lisboa. Naquele "Bar Naval" distribuía-se a literatura chegada de fresco, embora houvesse a "Livraria Universal", do português Domingos Queirós, que negociava livros estrangeiros, e existissem também os dois "salões de leitura". Estes já funcionavam durante a Província, desde pelo menos 1865, pois há anúncio na imprensa, inclusive chamando certo usuário a devolver obra emprestada, senão publicava-lhe o nome.

Seu ponto preferido era o também o do amigo Teodoro Rodrigues, no "Botequim Naval", um não muito apresentável espaço procurado pelos que demandavam serviços de grafite, no que o poeta era habilidoso. Talvez daí a sua tentativa de ser funcionário aduaneiro, prestando concurso, de que saiu em primeiro lugar mas não foi

nomeado. O jornal oposicionista "Gazeta da Tarde" publicou até uma nota faceta sobre o exame prestado pelo poeta. Que o examinador perguntara-lhe o que "era o ovo", ao que o examinado respondera agilmente: "— É o produto instantâneo do galo com a galinha". Houve a réplica do examinador: "— É uma casa caiada de branco, sem porta nem janela, com uma lagoa dentro dela." Disparates como esse não eram raros, estava-se na época dos calemburges e trocadilhos, habituais no colóquio social. Ou o fato dependeu de manobras políticas das oligarquias Nery-Pedrosa, pois algumas vezes os autores de "trepações" eram convocados para explicações no distrito policial. Aquela congênie de que falamos acima não era unida por laços de respeito mútuo. Combatiam-se na sombra e ao sol poetas e filólogos, críticos literários e contistas, e quem o desejar pode ler polémicas audaciosas entre Raul de Azevedo e Fércles Moraes, ou entre Jonas da Silva e este último, entre João Leda e Cândido de Figueiredo. E outros e outros... Todavia que, entre os literatos não bafejados pelos cofres públicos, e que viviam na pânria, da produção avulsa e clandestina, figurava Maranhão Sobrinho como exemplo mais corriqueiro da época de inflação literária mais rumorosa que Manaus atravessou, justamente por causa da decadência, da falta de caráter de certas administrações, etapa que vem até após a revolução de 1924.

Escrevi três artigos no jornal "A Crítica", intitulados "Poesia e Lama"⁽¹⁾, para contar a história meio faceta meio trágica em que andaram envolvidos quatro poetas daquela etapa de dissipação de talento, artigos que repisam fatos degradantes ocorridos naquela atmosfera de decomposição moral. O caso foi assim: Nunes Pereira (O Primeiro Poeta) passou pelo jornal "Correio do Norte" e deixou para publicar a seguinte quadrinha:

*Genebrino, Genebrino,
que escreves coisas fecais
onde anda esse suíno
que se chama Tb. Vaz?*

(1) Publicados nos dias 11, 18 e 25 de maio de 1975.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



**Secretaria de
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**